



EMOÇÕES E EDUCAÇÃO LINGUÍSTICA CRÍTICA COM CRIANÇAS

Giulianna Simões Cavatti (UFES)

Cláudia Jotto Kawachi Furlan (UFES)

Resumo: As vivências humanas são carregadas por diversas emoções que expressam suas narrativas. Contudo, em diversas situações, o olhar social sobre as emoções é pontuado como irrelevante para o entendimento dessas histórias, pois a razão, em inúmeros momentos, é considerada em detrimento da emoção. Assim, no contexto educacional, nota-se, muitas vezes, um ensino pautado no esquecimento das emoções dos estudantes no processo de ensino-aprendizagem, pois esses aspectos geralmente são vistos como negativos nesse cenário, conforme pontuado por Andrade (2011). Isso, por sua vez, demonstra um quadro voltado à incompreensão de diversas situações que envolvem o indivíduo em sua formação, o que evidencia a relevância de uma proposta de educação que seja crítica. Diante disso, é necessário considerar a importância que as emoções exercem no desenvolvimento de cada sujeito, especialmente as crianças, pois, segundo Vieira (2018), elas são agentes sociais no processo de ensino e aprendizagem. Por conseguinte, refletir sobre esse aspecto na educação linguística com crianças é essencial, já que a língua exterioriza suas histórias e narrativas. Ou seja, não somente aspectos gramaticais precisam ser estudados, mas como eles se interligam com as dimensões culturais, críticas e sociais de cada estudante, como argumentado por Ferraz e Nascimento (2017). Desse modo, neste trabalho, discutiremos essa temática baseada em teorias que enfocam como os processos de ensino-aprendizagem de uma língua adicional conectados com o reconhecimento das emoções podem ser significativos na compreensão das identidades. Trata-se de um estudo qualitativo que destaca a relevância e a necessidade das emoções estarem presentes no ensino de língua inglesa já que são intrínsecas às subjetividades de cada criança. Esperamos que este trabalho fomente reflexões sobre as relações entre educação linguística com crianças e emoções.

Palavras-chave: Emoções. Educação Linguística com Crianças. Identidades. Subjetividades.



Introdução

A sociedade apresenta inúmeras histórias, narrativas e contextos que são caracterizadas a partir de suas emoções de seus sentimentos, pois, segundo Andrade (2011), elas “[...] modulam os espaços nos quais nos movimentamos nos nossos diversos domínios de ações [...]” (ANDRADE, 2011, p. 173). Dessa forma, é perceptível como as emoções são intrínsecas às vivências de cada sujeito e por conseguinte no desenvolvimento de suas individualidades. Contudo, em diversas situações, elas são reprimidas e desconsideradas em detrimento dos aspectos racionais, pois há uma desvalorização das experiências de cada indivíduo a partir de suas emoções e consequentemente de suas subjetividades. Assim, evidencia-se uma construção social pautada pela falta de acolhimento dessas individualidades em diversos âmbitos que se encontram e desenvolvem suas relações.

A partir disso, observa-se que nas escolas há um foco maior na valorização de aspectos racionais para os processos de ensino e aprendizagem, o que reflete em um espaço sem a exploração das emoções e das narrativas que circundam os alunos. Assim, esse enfoque exclusivamente racional pode acarretar no sufocamento das potências das subjetividades que são simbolizadas por Rezende (2020) como “[...] potência de agir, construir e transgredir” (REZENDE, 2020, p. 67). Contudo, no contexto de educação linguística, é preciso repensar esse cenário para que seja possível envolver as realidades dos alunos conectando-as aos aspectos linguísticos e sociais da língua. Esse redimensionamento busca por uma educação linguística crítica, em que a língua seja representada pela prática social e pela diversidade das subjetividades para entender que “[...] a complexidade desse mundo de hoje não está lá fora, está aqui dentro de cada um de nós” (MENEZES DE SOUZA, 2011, p. 285).

E para que as crianças compreendam o seu valor e apreciem a diversidade sobre/do mundo no contexto das aulas de língua inglesa, é preciso reconhecer que as emoções são uma parte significativa nesse processo, pois, segundo Vieira (2018), as realidades que envolvem os alunos associadas aos processos de socialização e



aprendizagem dentro da sala de aula, colaboram para o enriquecimento e entendimento da presença das emoções no/do ensino. Isso, por sua vez, demonstra como as emoções conectam-se com o desenvolvimento das identidades de cada criança, pois influenciam em seu processo de aprendizagem de uma língua e também como ela desenvolve suas relações. Logo, as crianças podem e devem ser reconhecidas como agentes transformadores no contexto de uma educação linguística crítica e por conseguinte na compreensão de suas vozes, identidades e subjetividades.

Assim, ao pensarmos sobre as emoções das crianças e sobre a importância de suas subjetividades, estamos considerando que essas diferenças precisam ser reconhecidas e apreciadas. Fundamentando-se a necessidade desse cenário, é importante destacar como as subjetividades das crianças tornam-se essenciais, pois a relação entre subjetividade e construção identitária não podem ser dissociadas, já que ela reflete a produção de sentidos do indivíduo, ou seja, demonstra a diversidade de ideias e pensamentos que cada um pode desenvolver sem uma única definição. Dessa forma, segundo Fortes (2017), elas não podem ser isoladas do contexto escolar, para que as suas práticas não sejam opressoras, mas sim, libertadoras.

O reconhecimento das diferentes individualidades dos alunos está diretamente relacionado com o trabalho com linguagem, pois, conforme Painter (1999, p.21, minha tradução) “a linguagem que a criança ouve não é fragmentada nem tampouco empobrecida, mas na verdade, reestruturada para facilitar a aprendizagem da língua” (CARVALHO, 2009, p. 04). Então, o ensino afetivo e crítico propõe espaços mais empáticos baseado nas relações desenvolvidas pela língua para expressar ideias, emoções e narrativas como pode ser notado no pensamento de Andrade (2011):

Isso implica compreender que o ensino de uma língua tem a ver, acima de tudo, com a transformação da convivência, que é um estar junto com outros seres humanos com os quais trazemos à mão mundos na linguagem, em um contínuo tornar-se humanos, entrelaçando emoção com razão à medida que convivemos e configuramos nossos domínios operacionais mais cotidianos (ANDRADE, 2011, p. 171).



Portanto, este trabalho objetivou manifestar, a partir de uma pesquisa bibliográfica, apoiada em teorias referentes à temática, como as emoções encontram-se intrínsecas à vida das crianças e como elas são importantes na educação linguística delas. Como resultado, defendemos que é fundamental refletirmos sobre o papel das escolas, dos(as) educadores(as) e da formação docente a fim de ressignificar perspectivas relacionadas ao ensino de língua inglesa com crianças, reconhecendo as emoções como parte essencial dos seres humanos, e buscando uma educação linguística pautada nas vivências das crianças.

As Emoções e as Subjetividades na/da Sociedade

As emoções representam um aspecto de grande relevância para os indivíduos e suas relações, porém, é perceptível notar que, em diversas situações, há uma supervalorização da racionalidade em detrimento das emoções. Para a área da psicologia, ao longo da história, as emoções foram negligenciadas e depreciadas de acordo com Costa e Pascual (2012). Por conseguinte, comportamentos com um viés binário foram desenvolvidos na sociedade, pois, em um contexto dicotômico, os indivíduos depreendem que há um ponto de maior significância entre “Razão e Emoção”. Então, é importante pontuar como as emoções são, muitas vezes, vistas como aspectos negativos dos comportamentos humanos, pois, a sociedade, em diversos momentos, determina a racionalidade para guiar seus pensamentos e ações.

Adentrando no âmbito da psicologia, as emoções eram percebidas como resquícios dos comportamentos humanos de seus ancestrais, em que somente eram relacionadas com ideais de sobrevivência, como as reações de defesa e ataque, por exemplo. Contudo, Vigotski (1932) apresentou uma interessante contribuição social, a qual era sobre a percepção das emoções como parte das individualidades, porque “o sujeito não poderia ser compreendido isolado do contexto social e concreto de sua existência, nem seu funcionamento psicológico poderia ser compreendido a partir de análises isoladas dos aspectos que o compõem” (COSTA; PASCUAL, 2012, p. 629).



Dessa forma, nota-se que os aspectos sociais e psicológicos são associados com os sentimentos, histórias e narrativas de cada indivíduo por meio de suas experiências.

A partir de inúmeros estudos e observações, Vigotski atentou-se para como as emoções eram reduzidas a sensações orgânicas, como expresso por Costa e Pascual (2012). E esse pensamento possibilitou o desenvolvimento de barreiras para compreender as relações humanas na sociedade e como cada emoção conta acerca de uma experiência de um sujeito, do próximo e de um contexto social. Diante disso, Vigotski desenvolveu a teoria das emoções que foi baseada na conexão das emoções humanas e das subjetividades, o que ajudou no entendimento de diversos assuntos no contexto social. Então, desde esses estudos, as emoções começaram a apresentar a sua relevância dentro da sociedade.

Educação Linguística Crítica

O espaço escolar é caracterizado por diversas histórias sobre as identidades presentes ali, logo, é possível perceber como os alunos carregam suas narrativas a partir de suas perspectivas sociais, as quais necessitam ser exploradas, envolvendo cada particularidade. Mediante esse ponto, os processos de ensino e aprendizagem transcendem uma disciplina, ou seja, eles refletem as diferentes experiências e contextos sobre o mundo. Todavia, inúmeras práticas de ensino de língua inglesa apresentam a crença de impossibilidade no aprendizado de inglês, pois os aspectos linguísticos e comunicativos não são relacionados com a realidade dos alunos. Assim, não há uma discussão acerca da língua como uma prática social, o que mascara a identidade humana como referida por Fortes (2019, p.82) como “[...] fluída e constituída por camadas impregnadas de sentidos múltiplos determinados pelo cotidiano (*Life worlds*) dos tempos atuais”.

Diante do entendimento sob esse olhar, é relevante buscar por novas formas de ensino para notar que a língua inglesa expressa uma diversidade de experiências, consequentemente o ensino crítico apresenta um importante papel, como defendido por



Freire (2001), visto que compreende a “[...] capacitação dos estudantes e professores a desenvolverem uma compreensão crítica consciente de sua relação com o mundo (VERÁSTEGUI; VICENTINE, 2015, p. 38). Assim, na educação linguística crítica, os alunos e professores serão encorajados a perceberem diferentes discursos, valores e ideologias, desenvolvendo um ensino contextualizado para compreenderem seus valores e suas conexões com a coletividade.

Assim, a educação linguística crítica é essencial para demonstrar como os aspectos gramaticais, lexicais e comunicativos podem ser relacionados com os cenários dos alunos por meio de materiais autênticos (música, textos, livros e conversas por exemplo) objetivando uma reflexão dos temas e desses aspectos da língua trabalhados durante as aulas. Por meio dessa proposta, criam-se espaços para a manifestação de identidades plurais em sala de aula, o que seria praticamente inviável em um contexto pautado por uma visão estrutural de língua e linguagem bem como de ensino e de aprendizagem.

Portanto, a educação linguística crítica evidencia o pensamento coletivo para ir além da individualidade, como fundamentado por Pacci (2007), pois a

prática no ensino de inglês deve começar criticamente explorando as culturas dos alunos, conhecimentos e histórias de maneira desafiadora e ao mesmo tempo positiva e animadora. Pode-se dizer que a pedagogia do inglês no mundo é uma tentativa de capacitar para aprender (escrever, falar, ler, ouvir) conjuntamente (professor e aluno) procurando conhecer para transformar a sociedade em que vivem e não a aceitarem tal como é (injusta e desigual) (PACCI, 2007, p. 08).

Assim, entendemos que ao expandir a ideia que é comumente associada ao ensino de inglês para crianças, ou seja, limitada à aquisição de vocabulário, possibilitamos propostas centradas na educação linguística com crianças, que valorizam as realidades e individualidades das crianças e defendem a coletividade e o papel transformador da educação.



As Subjetividades das Crianças em uma Educação Linguística Crítica envolvida pelas Emoções

A educação linguística crítica é envolvida por inúmeras narrativas e pelo desenvolvimento das relações entre alunos e professores. A partir disso, é notório como as emoções conectam-se com esse ensino, pois a sociedade e a individualidade não se encontram isoladas uma das outras, mas sim, trilham caminhos juntas. Baseada nessa perspectiva, ter a criança como centro do processo é essencial para que sejam reconhecidos os seus valores, emoções e sentimentos, como defendido por Almeida (1999), pois “[...] a afetividade manifesta-se primitivamente no comportamento, nos gestos expressivos da criança”(ALMEIDA, 1999, p. 42 apud CATARREIRA, 2015, p. 28). Dessa forma, as crianças são vistas como agentes transformadores para o aprendizado de uma língua e conseqüentemente para o entendimento de suas vozes e seus sentimentos. O desenvolvimento de suas emoções, pensamentos e ações serão um guia para se reconhecerem e criarem espaços mais empáticos em suas relações com os outros indivíduos. Assim, de acordo com Coelho et al (2011), esses processos são considerados importantes para visualizar como as emoções humanas auxiliam no desenvolvimento na língua das crianças, pois elas não utilizam somente aspectos racionais da cognição para aprenderem e viverem.

Por esse motivo, as aulas de língua inglesa com crianças representam mais do que uma ideia para aprender a língua e falar “corretamente” e saber como a gramática funciona, ou seja, essas aulas podem representar mais do que aquisição de aspectos linguísticos. Assim, a percepção das crianças não é menos valiosa no processo educacional, pois elas apresentam suas próprias experiências e conhecimentos acerca da língua, conseqüentemente, um ensino e aprendizado crítico de língua inglesa pelas emoções busca

favorecer outros olhares, daqueles mais simples e não menos complexos, sobre a aquisição da Língua Inglesa por crianças, de modo a dialogar com as particularidades e as singularidades dos agentes sociais que produzem e são produzidos pelos artefatos de suas próprias significações, relações e



construções sociais de culturas, no plural [...] Inscrevendo-se num processo de autoformação e alteração mútua pelas trocas horizontais de significado entre pares e parceiros que se inscrevem e reescrevem suas ações no mundo (VIEIRA, 2018, p. 05).

Dessa forma, a partir desse olhar, nota-se que as emoções das crianças conectam-se com suas subjetividades, pois elas refletem os “sujeitos que estão em constante processo de fragmentação e (re)construção, numa dinâmica constante de deslocamentos e “descentramentos”” (FORTES, 2017, p. 56). Logo, vê-se, o quão valioso pode ser vivenciar as subjetividades no espaço escolar para que aconteça não somente a possibilidade do estudante se conhecer como diferente, mas sim, de se reconhecer como parte da sociedade para desmistificar concepções verticais de ensino-aprendizagem e para perceber o mundo, como é elucidado por Oliveira (2008):

o fazer pedagógico deve almejar a autonomia de sujeitos para sua emancipação social e cultural, o que, por sua vez, definirá suas subjetividades e identidades por meio dos conhecimentos e saberes que são adquiridos e dos quais se apropriam nos múltiplos contextos nos quais interagem e convivem, sendo, é claro, a escola um dos principais deles (OLIVEIRA, 2008 apud FORTES, 2017, p. 142).

Portanto, a partir do investimento nas subjetividades das crianças na escola, será caracterizado um espaço voltado para o acolhimento das crianças, de suas identidades e de suas questões internas e externas, que são do mundo e vivenciadas nele, ou seja, como as situações vivenciadas por aqueles indivíduos não se encontram fora da escola e sim nos contextos, histórias, emoções, conflitos, conquistas e, conseqüentemente, nas subjetividades e nos sentidos que emergem de cada um.

Considerações Finais

O objetivo dessa pesquisa foi refletir acerca da importância das emoções e das subjetividades em uma educação linguística com crianças. Durante a realização desse estudo de cunho bibliográfico, notou-se a importância do ensino das emoções que serão reflexo de inúmeras vivências e momentos de ressignificação tanto para os alunos quanto para os professores. Além disso, foi perceptível como as subjetividades das crianças são



significativas nesse processo, pois se relacionam com os aspectos emocionais das identidades das crianças e de suas histórias. Então, foi observado como a educação linguística *com* crianças e não para elas é muito relevante na busca do entendimento de que a criança faz parte do processo de ensino-aprendizagem e especialmente que ela é um agente de transformação social e individual, ou seja, as suas relações com/no mundo e consigo mesma precisam ser reconhecidas.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, M. R. M. Afetividade e emoções no ensino/aprendizagem de línguas: múltiplos olhares. Mariana R. Mastrella-de Andrade (Orgs.) Coleção: **Novas Perspectivas em Linguística Aplicada** Vol. 18. Campinas, SP : Pontes Editores, 2011.

CARVALHO, R.C.M. **A EDUCAÇÃO INFANTIL DESCOBRINDO A LÍNGUA INGLESA: INTERAÇÃO PROFESSOR/ALUNO**. In Trab. Ling. Aplic., Campinas, 2009.

CATARREIRA, C. S. S. R. **As Emoções das Crianças em Contexto de Educação Pré-Escolar**. Dissertação de Mestrado em Educação Pré-Escolar. Portalegre: ESECS, 2015.

COSTA, A. J. A.; PASCUAL, J. G. **Análise sobre as emoções no livro Teoría de las emociones (Vigotski)**. In Psicologia & Sociedade, Minas Gerais, v. 24, n. 3, 2012, p. 628-637.

FORTES, L. Educação Linguística em LI: identidade, subjetividade e complexidade. In: Daniel de Melo Ferraz; Cláudia Jotto Kawachi-Furlan. (Org.). **Bate-Papo com Educadores Linguísticos: letramentos, formação docente e criticidade**. 1 ed. São Paulo: Pimenta Cultural, 2019, v. , p. 87-105.

FORTES, L. **‘Ser ou não ser’**: questões sobre subjetividade e o ensino de inglês na escola pública. Tese de Doutorado em Estudos Linguísticos e Literários em Inglês. São Paulo: FFLCH, USP, 2017.

MENEZES DE SOUZA, L.M.T. Para uma redefinição de Letramento Crítico: conflito e produção de significação. In MACIEL, R.F; ARAÚJO, V.A (org). **Formação de Professores de Línguas: ampliando perspectivas**. Jundiaí: Paco Editorial. 2011b, p. 128- 140.



PACCI, I. S. A Pedagogia Crítica e o Ensino-Aprendizagem de Língua Inglesa. In PARANÁ. Secretaria de Estado da Educação. Superintendência da Educação. **O professor PDE e os desafios da escola pública paranaense** : produção didático-pedagógica, 2007. Curitiba: SEED/PR., 2011. V.2. (Cadernos PDE). Disponível em: <<http://www.gestaoescolar.diaadia.pr.gov.br/modules/conteudo/conteudo.php?conteudo=20>>. Acesso em: 02/05/2021. ISBN 978-85-8015-038-4.

REZENDE, T. “**Somos a resistência**”: emoções de professoras/es (de inglês) de escolas públicas. 2020. 253 f. Tese (Doutorado em Linguística Aplicada) - Programa de Pós-Graduação em Linguística, Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória.

VERÁSTEGUI, R.L.A; VICENTINI, D. **A Pedagogia Crítica no Brasil: A** Perspectiva de Paulo Freire. In PARANÁ. Universidade Estadual de Londrina. XVI Semana da Educação e VI Simpósio de Pesquisa e Pós-Graduação em Educação. Londrina: PPEDU, 2015.

VIEIRA, C.A.C. **Entre cenários...crianças**: as emoções como experiência estético formativa para a aquisição de língua inglesa. Dissertação de Mestrado em Educação. Sergipe: PPGED, UFS, 2018.